

DONATO, Mário. II - A União Brasileira de Escritores: oração proferida na instalação do Núcleo de Campinas, em 14-8-1958. Diário do Povo, Campinas, 27 ago. 1958.

II - A União Brasileira de Escritores

(Oração proferida na instalação do Núcleo de Campinas, em 14-8-1958)

MÁRIO DONATO

(Vice-Presidente da U.B.E.)

(Especial para esta página).

A penicilina não melhorou este mundo em todos os sentidos, os Srs. sabem disso; nem o Equanil. O homem está na iminência de conquistar os mundos espaciais, mas ainda é vítima, em nosso mundo, das mais soezes superstições. Já somos capazes de desintegrar o átomo, de lançar foguetes balísticos inter-continentais, de fixar em suas órbitas luas-satélites e até de substituir órgãos doentes, mas ainda não fomos capazes, com a mesma ciência, de criar para o homem aquelas condições mínimas de segurança e conforto que lhe permitam evoluir até o máximo de suas potencialidades físicas, espirituais e morais. O homem, como sempre foi, é ainda a coisa menos valiosa; continua a não contar dentro de rebanho. E o rebanho, como sempre, vai tangido por uns e por outros, para o matadouro dos sangrentos campos que a toleima humana reveste de glória.

Dentro desse rebanho vamos nós também, os escritores, calados ou afônicos. Ou não fazemos soar a nossa voz, ou ficamos roucos de tanto bradar sozinhos. Não contamos mais do que os outros. Somos zeros à esquerda. Frequentemente apoiamos a eliminação de outros homens porque não rezam pela mesma cartilha. E nos tornamos cruéis, e bárbaros, e vorazes — tão cruéis, tão bárbaros e tão vorazes como aqueles energúmenos que divertimos, como escritores, fustigar e apontar à execração do mundo.

Eu disse que, no cenário do mundo, o escritor, o homem de cultura em geral, é um zero à esquerda. Disse. Pois no Brasil não é mais amena nem mais significativa a nossa qualificação matemática. Não somos profissão, não temos voz, não fazemos opinião. Andamos à reboque, conduzidos aos trambolhões pelos calceteiros da política. Basbaques da parlapatice nacional, eis o que temos sido. Coonestamos com o nosso silêncio, ou com a nossa inação, isso que aí está. Batemos palmas, quando não nos omitimos por pudor, ao endeusamento dos cripto-administradores que uma vérga propaganda transforma em homens providenciais — a quem damos nosso voto. Não agimos equacionados pela nossa condição de homens que pensam, que escrevem e que acreditam nos valores mais altos e permanentes da cultura; agimos, isso sim, empurrados e atropelados pela manada que, inconsciente, vem atrás de nós mugindo de gozo ante os arroubos histéricos de uns e os apêlos rudimentares de outros.

Enquanto isso, correm perigo todas aquelas condições materiais para que as franquias democráticas se exerçam naturalmente. O livro estrangeiro, do qual não podemos prescindir, chega até nós ao preço dos Cadillacs. O papel e as máquinas gráficas estão recebendo tais gravames, que dentro de alguns anos o livro brasileiro será o livro mais caro do mundo. A liberdade da imprensa é uma ficção porque, a qualquer momento, pode uma administração mais audaz cortar de golpe o tenue cordão umbelical que nos permite, a título de favor, a importação do papel "linhas d'água". O rádio e a televisão, que infelizmente são usados entre nós como instrumentos de burrificação nacional, mas que podem converter-se em poderosos veículos de cultura e de unidade, — o rádio e a televisão estão

sofrendo tão iminente ameaça, que chega ser mórbido que estejamos nós, os escritores, calados e inativos. As multidões de crianças sem primeiras letras crescem de ano para ano, inclusive em nosso Estado, o mais próspero. As verbas para a cultura em geral são ridículas. Os diretores de Universidades, por falta de recursos, pensam mais na caderneta das despesas do que no programa dos cursos. A pesquisa é mal vista e até perseguida, quando não se torna feudo de uns poucos de "play-boys" da ciência oficial. Há exceções, concordo. Mas o clima geral em nosso país é o de que quanto menos papel, menos tinta, menos livro... tanto melhor. Quanto mais burro, mais peixe.

Nós temos culpa disso. Uns, porque participaram, outros, porque se omitiram. Mas, principalmente, porque estivemos desunidos. E é para corrigir essa desunião que nasceu a União Brasileira de Escritores. Tarefa árdua, tarefa penosa. Surge a UBE num instante crucial da vida brasileira — um instante em que o homem de cultura não pode estar ausente ou calado. Nem isolado. Por isso é que torna preciso, inicialmente este trabalho de estiva da inteligência, que é congregar os escritores numa só entidade, disciplinar-lhes os esforços e conjugá-los numa só direção.

A U.B.E., meus Srs., não é uma academia, um cenáculo onde tenham assento quarenta ou uma grossa de intelectuais envergando fardões e ostentando bordados. Não vamos consagrar ninguém, não vamos criticar ninguém, não vamos erguer hermas nem bustos, vamos erigir hermas nem bustos. Não vamos dar chás nem crachas. Não vamos pedir aumentos de salários, nem posições privilegiadas, nem sinecuras a dólar oficial. A U.B.E., tal como ela existe, é uma trincheira aberta em defesa da cultura; nela terão lugar todos aqueles que, tendo escrito um livro, venham para o nosso grêmio dispostos a exigir, porque é justo, que este país não se converta num acampamento para os próprios brasileiros. Nós queremos ser uma nação, eis tudo. E a escala de uma nação não é a tabela Price.

Não, não se trata de uma política classista. Os escritores não são padeiros que se reúnem para discutir o tabelamento da farinha e a dose do fermento. Tomamos posição como defensores da cultura, e é nesse terreno — o da defesa

da cultura em todas as suas declinações — que nós, os escritores, nos encontramos e confraternizamos. Unimo-nos, não para fazer a política individual dos intelectuais, como homens que têm necessidade de alimentar-se, de vestir-se, de viver, como todos os outros; mas, sim, unimo-nos para fazer a política das aspirações culturais de uma nação abastardada pela ignorância e emasculada pela superstição em todos os sentidos.

Isso é a U.B.E., isso é o que sonha realizar a U.B.E. Hoje, ainda uma idéia em movimento;

amanhã, uma realidade, se os Srs. e todos os escritores de São Paulo, e todos os escritores do Brasil, decidirem meter ombros à tarefa.

Campinas, esta Campinas que a corre ao Centro de Ciências, Letras e Artes, não estará ausente, tenho a certeza. Formará na primeira fila, serena nos conselhos, alerta no combate, exigente nas reivindicações, e fiel, exemplarmente fiel aos valores espirituais cuja defesa dá autoridade e prestígio à União Brasileira de Escritores.